

Orquestra Gulbenkian

Lorenzo Viotti



27 + 28 mar 25

27 mar 25 QUINTA 20:00

28 mar 25 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian

Lorenzo Viotti Maestro

Alexander von Zemlinsky

A Sereia

c. 47 min.

1. *Sehr mäßig bewegt*
(muito moderadamente comovente)
2. *Sehr bewegt, rauschend*
(muito comovente, apressado)
3. *Sehr gedehnt, mit schmerzvollem Ausdruck*
(muito arrastado, com expressão dorida)

INTERVALO

Arnold Schönberg

Pelléas e Mélisande, op. 5

c. 42 min.

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 2H

INTERVALO DE 20 MIN.

Alexander von Zemlinsky

(Viena, 1871 – Larchmont, 1942)

A Sereia

—

COMPOSIÇÃO 1902-1903

ESTREIA Viena, 25 de janeiro de 1905

DURAÇÃO c. 47 min.

Possivelmente o vulto mais negligenciado da denominada “Segunda Escola de Viena”, Alexandre Zemlinsky foi professor de Erich W. Korngold, Alma Mahler e Arnold Schönberg, tendo exercido, ao mesmo tempo, ampla atividade criativa no domínio da música dramática, orquestral, de câmara e também da canção para voz e piano. Zemlinsky conheceu Schönberg em 1894, quando este último se tornou seu discípulo de composição. Da colaboração entre os dois surgiu, em 1904, a Associação dos Músicos Criativos de Viena, destinada a promover os novos idiomas emergentes do modernismo musical. Depois de ter trabalhado na Ópera de Viena, a convite de Gustav Mahler, Zemlinsky saiu da capital austríaca para se tornar diretor do Neues Deutsches Theater de Praga, instituição dedicada à promoção da música dramática em língua germânica. Entre 1911 e 1927, o compositor aí firmou a sua reputação com a estreia da ópera *Uma Tragédia Florentina* (1916) e da *Sinfonia Lírica* (1922). Em 1927 abandonou Praga para ocupar o posto de *Kapellmeister* na Ópera Kroll de Berlim, o qual manteve até 1930, tendo trabalhado em associação estreita com o lendário maestro Otto Klemperer. Zemlinsk regressaria a Viena mas, com a ameaça da anexação da Áustria pelo Terceiro Reich, decidiu emigrar para os

Estados Unidos, onde veio a falecer em situação de grande isolamento familiar e precariedade económica. Os primeiros esboços de *A Sereia* foram elaborados em fevereiro de 1902, dando origem a um “poema sinfónico”, segmentado em três andamentos distintos. A inspiração proveio do conto de fadas do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875), intitulado *Den lille Havfrue* (*A Pequena Sereia*). Foi sob os auspícios da Associação dos Músicos Criativos de Viena que a obra se fez escutar, pela primeira vez, a 25 de janeiro de 1905, pela Orquestra do Musikverein, sob a direção do próprio Zemlinsky. Deste mesmo programa originário constou, igualmente, a estreia do poema sinfónico *Pelléas e Mélisande*, op. 5, de Schönberg. Decorridos cento e vinte anos, a Orquestra Gulbenkian, sob a direção do maestro Lorenzo Viotti, presta hoje a sua homenagem a este evento pioneiro da música austríaca do século XX. Muito elogiada pelo seu carácter “caloroso” e “repleto de charme”, a obra conheceu novas apresentações, entre as quais a que decorreu em Praga, a 13 de novembro de 1907, sob a direção do maestro austríaco Artur Bodanzky. Apesar da receção auspiciosa, Zemlinsky acabou por retirar a obra dos programas de concerto, talvez com o intuito de ceder alguma proeminência pública ao seu discípulo Schönberg, cuja carreira se encontrava em franca ascensão. Fosse como fosse, não mais fez escutar *A Sereia*, tendo optado por confiar parte substancial do primeiro andamento à sua amiga Marie Pappenheim. Os restantes dois andamentos levou-os consigo na viagem para os Estados Unidos que realizou em setembro de 1938, juntamente com

a sua esposa e filha. Após a sua morte, o espólio musical ficou à guarda da Biblioteca do Congresso, situada em Washington.

Perdeu-se, pois, o rasto da partitura e, durante muitas décadas, ficou a convicção generalizada de que a mesma sofrera algum golpe de infortúnio. A própria viúva do compositor, Louise Zemlinsky, tinha a convicção de que o segundo e o terceiro andamentos eram parte fragmentária de uma sinfonia perdida. Foi somente nos inícios da década de 1980 que dois investigadores britânicos, Keith J. Rooke e Alfred Clayton, trabalhando separadamente em Viena e Washington, vieram a cruzar as diferentes fontes autógrafas subsistentes, demonstrando que todas pertenciam à mesma obra. Dessa descoberta à primeira edição moderna de *A Sereia*, pela Universal Edition, foi um passo relativamente curto, tendo a obra sido interpretada em 1984 pela Orquestra Austríaca da Juventude, sob a direção de Peter Gülke. Desde então, *A Sereia* nunca deixou de exercer fascínio junto do público de todo o mundo, mercê de uma escrita profundamente expressiva, aliada ao domínio superlativo da instrumentação e dos seus efeitos. Diversas gravações foram surgindo e, em 2013, a mesma editora lançou nova edição crítica da partitura, a qual serve de referência à presente interpretação da Orquestra Gulbenkian. Supervisionada pelo musicólogo Antony Beaumont, a publicação incorpora uma passagem inédita do segundo andamento, retratando a visita da Sereia à Feiticeira, a qual lhe tira a língua em troca da aparência humana que lhe permitirá chegar ao palácio e aí conhecer o príncipe e noivo.

Arnold Schönberg

(Viena, 1874 – Los Angeles, 1951)

Pelléas e Mélisande, op. 5

—

COMPOSIÇÃO 1902-1903

ESTREIA Viena, 25 de janeiro de 1905

DURAÇÃO c. 42 min.

Obra magistral do catálogo de Arnold Schönberg, o poema sinfónico *Pelléas e Mélisande*, op. 5, foi concluído em 1903, em Berlim. Foi também uma fonte literária que inspirou a composição – a peça teatral homónima do escritor belga e mestre da corrente simbolista, Maurice Maeterlinck. Dela deu conta a Schönberg o mestre de Munique, Richard Strauss, o qual ignorava a iniciativa, entretanto tomada por Claude Debussy, de compor uma ópera sobre o mesmo drama. Sentindo-se atraído pela ambiência cénica difusa, Schönberg optou, antes, por compor uma peça programática para orquestra, marcada pela densidade temática e polifónica, muito na linha do sexteto para cordas *Noite Transfigurada*, op. 4, que concluíra em dezembro de 1899. Recorreu, para isso, a vasto leque de instrumentação, contemplando cinco clarinetes, oito trompas, cinco trombones, e duas harpas. Este efetivo permitiu ao músico corresponder aos sucessivos patamares dramáticos da obra, com a associação de determinadas melodias aos personagens do drama de Maeterlinck, à imagem do *leitmotiv* wagneriano. Na introdução lenta e estática, correspondente à “cena da floresta”, começa por aparecer o tema meditativo e triste de Mélisande, primeiramente no oboé e, depois, no corne inglês.

Segue-se o tema de Golaud, mais enérgico, entoado por três trompas em uníssono. Em seguida uma secção contrastante, mais viva, servindo de cenário à ampla melodia em Fá maior que os violinos entoam, a qual deriva do tema de Golaud. Nesta primeira parte do poema sinfónico, o tema de Pelléas sobrevém no trompete, na tonalidade radiosa de Mi maior. Outras melodias e motivos povoam esta primeira parte, sempre associados aos acontecimentos e às emoções do drama de Maeterlinck. Na segunda parte, *Sehr rasch* [muito rápido], assume relevo o sentimento de ciúme de Golaud, face à relação amorosa que envolve Pelléas e Mélisande, em particular na última secção, ilustrativa da “cena dos subterrâneos”. Variados efeitos orquestrais sublinham o ambiente opressivo em torno do qual se adensa a trama: *glissandi* nos trombones, *flutterzunge* nas madeiras e *tremolos* nos violoncelos. Na terceira parte, *Langsam* [lento], Schönberg retrata a “cena de amor e de adeus” de Pelléas e Mélisande, escutando-se todos os componentes temáticos associados aos dois personagens. A tonalidade de Mi maior serve de base

a uma longa melopeia, entoada pelas cordas no registo grave. Subitamente, o tema de Golaud, posicionado nas madeiras e também bradado pelos metais, anuncia o brutal assassinato de Pelléas pelo seu irmão Golaud, a fio de espada. Mélisande afasta-se apavorada e tem início a quarta parte da obra. Com a indicação *Sehr langsam* [muito lento], esta última parte incorpora, em grande medida, o material musical da introdução lenta, mas o grau de transformação a que é sujeito é considerável, ao ponto de alguns motivos se tornarem praticamente irreconhecíveis. Uma teia intrincada de reminiscências melódicas revive, a todo o momento, as fortes emoções sentidas pelos três personagens principais, condensadas num epílogo de proporções vastas. Schönberg realiza o desfecho da obra na tonalidade taciturna de Ré menor, evocadora do fim trágico de Pelléas e também de Mélisande, a qual acaba por perecer ao lado do arrependido Golaud, com a dor causada pela perda do seu amado.

NOTAS DE RUI CABRAL LOPES

Lorenzo Viotti

Na quarta temporada como Maestro Principal da Orquestra Filarmónica e da Ópera Nacional dos Países Baixos, Lorenzo Viotti dirige *O Morcego* de Johann Strauss e uma nova produção de *Peter Grimes* de Britten. Dando também continuidade à sua relação profissional com a Ópera de Zurique, dirige uma nova produção de *A Cidade Morta* de Korngold. Para além dos concertos com a Filarmónica dos Países Baixos, regressa aos EUA para se estrear à frente da Filarmónica de Los Angeles e da Sinfónica de Pittsburgh. Na Europa, dirige a Filarmonica della Scala, a Orchestra dell'Accademia Nazionale di Santa Cecilia, a Gürzenich Orchestra e a Orchester der Deutschen Oper Berlin. Estreia-se à frente da Orchestre de la Suisse Romande e conclui a temporada com a Sinfónica de Viena. Na qualidade de maestro convidado, trabalhou com muitas das principais orquestras mundiais, incluindo as Filarmónicas de Viena, Berlim e Munique, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Sächsische Staatskapelle Dresden, a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig, a Orquestra de Cleveland, a Sinfónica da Rádio Sueca, a Royal Philharmonic Orchestra, a Orquestra Estadual de Berlim ou a Sinfónica de Tóquio. Natural de Lausanne, na Suíça, Lorenzo Viotti nasceu no seio de uma família de músicos de ascendência italiana e francesa. Estudou piano, canto e percussão em Lyon, tendo inicialmente sido percussionista da Filarmónica de Viena. Estudou direção de orquestra com Georg Mark, em Viena, e com Nicolás Pasquet no Conservatório Franz Liszt, em Weimar. No início da sua carreira venceu o Concurso Internacional de Cadaqués, o Concurso de Direção MDR (2013) e o *Nestlé and Salzburg Festival Young Conductors Award* (2015). Em 2017 recebeu o *International Opera Newcomer Award* nos *International Opera Awards*, em Londres. Foi Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian entre 2018 e 2021, sendo atualmente Maestro Convidado Principal.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

Orquestra Gulbenkian

PRIMEIROS VIOLINOS

Ionel Manciu CONCERTINO*
Francisco Lima Santos 1º CONCERTINO AUXILIAR
Bin Chao 2º CONCERTINO AUXILIAR
Alessandro di Marco 2º CONCERTINO AUXILIAR
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Maria José Laginha
Otto da Casa de Pereira
Matilde Araújo
Catarina Ferreira
Rui Cristão
Tiago Neto*
Miguel Gomes*
Nelson Nogueira*

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA
Zachary Spontak 1º SOLISTA
Piotr Rachwał 2º SOLISTA
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Margarida Queirós
Camille Bughin
Francisca Fins
Miguel Simões
Asilkan Pargana
Catarina Resende
Luciana Cruz*
Luís Xavier Pereira*
Bernardo Barreira*
Ana Sofia Faria*

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA
Lu Zheng 1º SOLISTA
João Tiago Dinis 2º SOLISTA
Nuno Soares
Sara Moreira
Micaela Miranda

Raquel Noemi
Márcia Marques
Sara Farinha
Bárbara Ferreira
Íris Almeida*
Daniela Brito*
Mariana Moreira*

VIOLONCELOS

Marco Pereira 1º SOLISTA
Emeraude Bellier 1º SOLISTA
Martin Henneken 1º SOLISTA
Raquel Reis 2º SOLISTA
Jeremy Lake
Gonçalo Lélis
João Valpaços
Hugo Paiva
Maria Leonor Moniz*
Adriane Savitzky*
Hugo Estaca*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA
Domingos Ribeiro 1º SOLISTA
Manuel Rêgo 1º SOLISTA
Marine Triolet 2º SOLISTA
Miguel Menezes
Diogo Pereira
Luís Ferreira*
Pedro Aparício*
Vitor Silva*
Romeu Santos*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA
Sónia Pais 1º SOLISTA
Amalia Tortajada 2º SOLISTA
Mafalda Carvalho 2º SOLISTA*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA
Nelson Alves 1º SOLISTA
Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA
CORNE INGLÊS
Filipe Freitas 2º SOLISTA*

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA

Telmo Costa 1º SOLISTA

José Maria Mosqueda 2º SOLISTA

CLARINETE BAIXO

Samuel Marques 2º SOLISTA*

David Dias da Silva 2º SOLISTA*

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA

Raquel Saraiva 2º SOLISTA

CONTRAFAGOTE

Gad Lederman 2º SOLISTA*

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA

Kenneth Best 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

Ricardo Silva 1º SOLISTA*

Armando Martins 2º SOLISTA*

André Gomes 2º SOLISTA*

Rodrigo Carreira 2º SOLISTA*

José Marques 2º SOLISTA*

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

Davide Lopes 2º SOLISTA*

Luís Granjo 2º SOLISTA*

Pedro Tavares 2º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

Diogo Andrade 2º SOLISTA*

Paulo Alves 2º SOLISTA*

TUBAS

Amilcar Gameiro 1º SOLISTA

Gil Gonçalves 1º SOLISTA*

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

Richard Buckley 1º SOLISTA*

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

Tomás Rosa 1º SOLISTA*

Cristiano Rios 2º SOLISTA*

Ryoco Imai 2º SOLISTA*

HARPAS

Ana Aroso 1º SOLISTA*

Ana Ester Santos 2º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

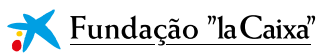
Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

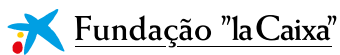
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

